

FANTOS, BROQUÉIS E A POESIA NOVA DE 1893

Alvaro Santos Simões Junior¹ (UNESP/CNPq)

Resumo

A partir da leitura de notícias, resenhas e ensaios publicados na imprensa carioca no ano de 1893, analisa-se como se deu a percepção e o reconhecimento, por parte dos contemporâneos, das inovações estéticas introduzidas na poesia brasileira por *Fantos*, de Lopes Filho, e *Broquéis*, de Cruz e Sousa.

Palavras-chave

Lopes Filho, Cruz e Sousa, Decadentismo, Simbolismo, Crítica Literária.

Abstract

By the reading of news, reviews and essays published in Rio de Janeiro's newspapers and periodicals, one intends to analyse how occurred the perception and recognition of esthetic innovations introduced in Brazilian poetry by *Fantos*, by Lopes Filho, and *Broquéis*, by Cruz e Sousa.

Keywords

Lopes Filho, Cruz e Sousa, Decadentism, Symbolism, Literary Criticism.

¹ Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e pós-doutorado pela Universidade de Lisboa. Professor assistente doutor II da Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

A Rafael Sânzio de Azevedo

INTRODUÇÃO

A rigor, a primeira obra a introduzir as novidades decadentistas-simbolistas no Brasil foram os *Fantos* (*Phantos*, segundo a ortografia então vigente),² de Lopes Filho (1868-1900), postos à venda, em Fortaleza, no final de julho de 1893.³ No Rio de Janeiro, a publicação dessa obra foi noticiada doze dias antes de ser registrado o aparecimento dos *Broquéis*, de Cruz e Sousa (1861-1898). Porém, mais do que documentar essa relativa precedência histórica, textos de jornais e revistas cariocas de 1893 e 1894 revelavam como foi recebida cada uma dessas obras, produzidas em circunstâncias muito diferentes. A primeira delas vinha do “Norte” e estava associada a uma ruidosa agremiação de intelectuais, a Padaria Espiritual; a segunda saía das mãos de um negro, filho de ex-escravos, funcionário modesto da Estrada de Ferro Central do Brasil e autor do *Missal*, coletânea de poemas em prosa. É, portanto, de algum interesse analisar, a partir de textos publicados na imprensa carioca,⁴ como os contemporâneos reconheceram (ou não) os elementos de renovação estética presentes em ambos os livros.

A RECEPÇÃO DE *FANTOS*

Em 3 de junho de 1893, *A Capital* já dava notícia da iminente publicação de *Fantos*, caracterizados como uma “coleção de poesias simbolistas” (FANTOS, 1893, p. 2), mas a primeira apreciação crítica na imprensa carioca surgiria em 18 de agosto nas “Notas de João Bocó”, que Medeiros e Albuquerque mantinha em *O Tempo*. Entre os elogios convencionais com que mimoseou Lopes Filho, João Bocó disse que o jovem poeta possuía uma “viva curiosidade inteligente pelos progressos da arte que

² Deve-se assinalar que a atualização ortográfica põe a perder determinadas intenções expressivas dos simbolistas, como ocorre com o preferencial emprego do *y* em lugar do *i*. V., a propósito, o artigo humorístico de João Luso intitulado “Tipos e símbolos: O Sr. Y”. Encontra-se recolhido em *Tempos eufóricos*, de A. Dimas (1983, p. 286-8).

³ Sânzio de Azevedo, especialista no simbolismo cearense, localizou no diário *A República*, de Fortaleza, a seguinte nota, publicada em 21 de julho de 1893, uma sexta-feira: “Segunda-feira próxima será posto à venda e distribuído pelos respectivos assinantes o livro *Fantos*, de nosso talentoso conterrâneo Lopes Filho” (apud AZEVEDO, 1996, p. 46).

⁴ Em *A padaria espiritual e o simbolismo no Ceará*, de Sânzio de Azevedo, mencionou-se artigo de Murilo Mota, publicado em 1939 no *Valor*, de Fortaleza, sobre a repercussão dos *Fantos* pelo Brasil (cf. AZEVEDO, 1996, p. 179, n. 45).

procura[va] cultivar” e, por isso mesmo, sentia-se atraído por “certas extravagâncias”. Servia esse preâmbulo para apresentar o cearense como um “decadista” (BOCÓ, 1893a, p. 2).

Antes no entanto de discutir o “decadismo” de Lopes Filho, o crítico julgou ser necessário discorrer sobre o simbolismo ou decadentismo francês. Logo de início, declarou nebulosos os “princípios da nova escola”, que se dividia em “grande quantidade de tendências opostas”. Como, em sua avaliação, a nova proposta não ocupara “todos os campos da literatura”, restringindo-se à poesia, não podia ser julgada “reformatora, verdadeiramente forte” (BOCÓ, 1893a, p. 2).

João Bocó considerou também a possibilidade de que o poeta cearense se declarasse “decadista” em consequência de sua admiração por Mallarmé ou Verlaine, tão diferentes entre si. No caso do autor de *Romances sans paroles*, haveria acentuadas divergências entre suas obras, mas João Bocó considerava os *Fantos* próximos de *Sagesse* e *Amour*, não porque apresentassem o mesmo caráter religioso destas duas obras de Verlaine, mas porque, como elas, entrelaçavam “sentimentos muito profanos” e “certas fórmulas e invocações sagradas”. Esse era também o caso de alguns dos decadentistas-simbolistas portugueses e, por isso, o crítico citou versos do *Paraíso perdido*, de António de Oliveira Soares, livro em que havia, segundo sua avaliação bem humorada, uma “salada metrificada, místico-bandalha-medieval, temperada ainda com outros condimentos estrambóticos e salpicada de letras maiúsculas”. Apressou-se, porém, em esclarecer que Lopes Filho não chegou a praticar tais “trapalhadas”, muito embora incidisse na imitação de Guerra Junqueiro, que, por sua vez, já era “um imitador e não dos melhores”. Reproduziu também, em essência, a crítica que, no ano anterior, Maria Amália Vaz de Carvalho havia feito a *Os simples* no *Jornal do Comércio* quanto à incongruência entre a linguagem das personagens rústicas e os pensamentos ou sentimentos que lhes são atribuídos pelo poeta português (CARVALHO, 1892, p. 2): “Fazer [...] ‘pastiches’ detestáveis onde se misturam pensamentos que só podem acudir a homens de certa ilustração com frases populares, propositalmente erradas, para fingir singeleza, é uma aberração sem nome” (BOCÓ, 1893a, p. 2).

Como provas da imitação de Junqueiro, encontrou nos *Fantos* “versos errados e eminentemente pulhas” semelhantes aos do poeta português e poemas de temática semelhante à de *Os simples*. Tais textos representavam, para João Bocó, as “principais ruindades” do livro de Lopes Filho, “não porque o poeta não pudesse fazer

cousa muito melhor, mas porque, podendo ser original, quis ser imitador e imitador de mau paradigma” (BOCÓ, 1893a, p. 2).

Se, por um lado, o poeta cearense foi pelo crítico de *O Tempo* tão duramente recriminado por sua imitação do decadentismo-simbolismo, conquistou, por outro lado, justamente graças a ela, a simpatia de um redator anônimo de *O País* (edição de 23 de agosto de 1893), a quem agradava “ver a mocidade insurgir-se contra o existente” e testemunhar a sua revolta contra os “processos métricos” de então. Estariam tais processos de tal forma “gastos” e “fanados” que não havia, na opinião do resenhista, “personagem”, mesmo “chocho” de espírito, a quem não fosse possível produzir “versos com aqueles números exatos de sílabas, isócrona, lamentável, incessantemente acentuados nos fatalíssimos predominantes”. Embora concedesse que os poetas novos corriam o risco de “não fazer versos” com tais ousadias, o jornalista encarou a liberdade por eles adquirida, da qual podiam resultar “inovações e renovações sonoras e rítmicas, adaptando-se com arte à expressão da ideia”. Para que o estreante Lopes Filho pudesse conquistar do redator de *O País* “aplausos incondicionais”, seria necessário apenas que fosse fiel à “paisagem e fisionomia da sua terra”, cuidasse melhor dos adjetivos, ainda carentes de “propriedade e exatidão”, e proporcionasse aos seus versos “aparência de espontaneidade e de ausência de esforço”. Além disso, devia também “libertar-se de certos ressaibos pouco sinceros e demasiado literários” e de paisagens “descritas em livros similares” (BIBLIOGRAFIA, 1893c, p. 2). Com estes últimos reparos, o jornalista reproduzia sutilmente as críticas de João Bocó à falta de originalidade dos *Fantos*, sem, no entanto, evidenciar que essas “deficiências” eram o tributo pago aos mestres decadentistas-simbolistas de França e Portugal, dos quais se emprestara a rebeldia tão elogiada.

Em *A Semana*, hebdomadário dirigido por Valentim Magalhães, Ascagno Magno resenhou os *Fantos* em 28 de outubro de 1893 de um jeito galhofeiro, jogando com a designação de *padeiros* que os membros da *Padaria Espiritual* como Lopes Filho, ou melhor, Anatólio Gerval, seu pseudônimo na agremiação, assumiram entre si. Sendo assim, o livro era aberto por um “vermouth” (prefácio) de Antônio Sales, o padeiro Moacir Jurema, e continha quarenta e cinco “biscoitos” (poemas). O cronista resumiu o seu julgamento com uma paranomásia humorística: “Isto não é pão, é pau.” Depois, criticou, com efeito, a “dureza” de versos que considerou mal metrificados e ridicularizou certos versos tomando-os ao pé da letra, como via de regra faziam os críticos adversários do decadentismo-simbolismo. Aludindo à filiação estética do poeta

cearense, praticou um trocadilho infame: “Achamos [...] que ele é, não decadista, mas decadente: tanto assim que, quando impinge ao leitor uma rosca dura, a primeira coisa que este faz é gritar-lhe: ‘dê cá dente!’” (MAGNO, 1893, p. 101-2).

Ao final do artigo, Ascânio Magno deixou claro qual era o gabarito de que se servia para avaliar a qualidade dos versos de Lopes Filho:

Ah! Se o Sr. Lopes, longe de envolver a sua imaginação no manto místico dos nefelibatas, calando-lhe nos pés os sapateirões do decadismo, tivesse-a enfronhado na túnica artística do parnasianismo ou numa *toilette* moderna, estamos perfeitamente convencidos de que em vez de nos dar pão bolorento, ter-nos-ia servido ao paladar, mal acostumado com os acepipes fina e levemente temperados pelos parnasianos, deliciosas ambrosias e confortantes néctares. (MAGNO, 1893, p. 102)

Assim como se constatava nesse texto pioneiro, a chacota e o sarcasmo foram, no Brasil, armas privilegiadas no combate às novidades decadentistas-simbolistas, exatamente como ocorria em Portugal naqueles dias e ocorrera poucos anos antes na França.

No hoje famoso ensaio intitulado “Retrospecto literário do ano de 1893”, publicado parceladamente em *A Semana* de 3 de março de 1894 a 16 de fevereiro de 1895, Araripe Jr. tratou de Lopes Filho e dos seus *Fantos* em 23 de junho de 1894, quando se dedicou aos padeiros de sua terra, que se colocaram “em guerra aberta contra a rotina, e criaram uma nova excomunhão para os poetas insensatos e principalmente para aqueles que costuma[va]m falar de animais ou plantas estranhas à fauna e à flora brasileira”. Para o grande crítico brasileiro, o jovem padeiro era um “neobudista, flagelado pelo calor dos trópicos, pela claridade dos verdes mares”, cujo Nirvana diluía-se “na saudade da infância, dos prazeres inocentes da vida campestre, dos retiros amenos, das alegrias da família e da pureza dos sentimentos primitivos”. Notava-se logo que Araripe não levava muito a sério o pessimismo de Lopes Filho: “Desses pessimistas desejo eu muitas dúzias ...”. A bonomia resultava da convicção de que o poeta, ainda “criança”, logo regressaria à vida “encantado e surpreso de nela encontrar o que acab[ara] de renunciar”; sua “amargura” não resistiria “à candura da sua inspiração, nem à alegria da *Padaria Espiritual*”. Quanto à filiação estética do padeiro, não fez o crítico menções explícitas; disse apenas, logo de saída, que ele trazia “para a poesia nacional algumas notas agudas” (ARARIPE JR., 1894c, p. 372-3), passíveis de serem aclimatadas no Brasil. Sabia-se apenas, portanto, que essas *notas* eram de procedência estrangeira.

A RECEPÇÃO DOS *BROQUÉIS*

No dia 30 de agosto, o diário *O País* dava notícia pormenorizada da publicação dos *Broquéis* e defendia o seu autor da acusação de ser *nefelibata*. Na opinião do redator anônimo, ele seria “simplesmente um parnasiano”, que, da nova escola “decadista”, aproveitava “alguns termos” e as costumeiras “repetições”, tão encontradiças nos poemas dos decadentistas-simbolistas portugueses. A “degenerescência mística”, principal característica da “nova forma literária”, ocorreria em *Broquéis* apenas como “superfetação meramente literária e extrínseca”. Além disso, estaria ausente do novo livro, constituído uniformemente de “versos hendecassílabos sáficos e heroicos”, a técnica decadentista-simbolista de “adaptação da forma à ideia poética”, o que seria mais uma demonstração do parnasianismo da obra (BIBLIOGRAFIA, 1893c, p. 2).

No dia 31 de agosto, o *Jornal do Comércio* dedicou breve nota aos *Broquéis*. O redator anônimo preferiu declarar-se incapaz de indicar a filiação estética do poeta:

É difícil definir com precisão, e em poucas palavras, a índole literária do Sr. Cruz e Sousa e nisso, cremos, vai o seu maior elogio. Se pela riqueza e opulência da sua forma, quase sempre perfeita, o poeta é parnasiano, por outro lado mostra ligeiro pendor pelas modernas tendências, quase sempre tão abstrusas e quase só acessíveis aos seus cultores e iniciados. (IMPrensa, 1893c, p. 1)

Naquele mesmo dia, publicava-se em *O Tempo* a mais longa resenha sobre *Broquéis*, escrita por Medeiros e Albuquerque para a sua coluna “Notas de João Bocó”. A única consideração a respeito da filiação estética de Cruz e Sousa ocorreu quando o resenhista declarou não acreditar que a acentuada musicalidade de seus versos fosse “uma questão de escola” (BOCÓ, 1893b, p. 2).

No número 38 da revista *O Álbum*, de setembro, Cosimo, pseudônimo do diretor Artur Azevedo, elogiou Cruz e Sousa, que possuía “uma correção de forma muito para louvar nesta época de nefelibatismos”, ou seja, não reconheceu no poeta negro um “nefelibata” típico e, ao mesmo tempo, aproximou-o dos parnasianos, para os quais o esmero formal era obsessão ostensivamente assumida (COSIMO, 1893, p. 303).

Em 30 de setembro, no hebdomadário *A Semana*, os *Broquéis* passaram pelo crivo de Rodrigo Otávio, que acusou o livro de frieza e de conter imagens “ascéticas” incapazes de provocar emoção durante a leitura. Sendo esse “o capital defeito” da escola

do autor, o crítico procurou assim defini-la: “*parnasianismo* temperado de *simbolismo*, *decadentismo* ou [...] *novismo*” (OTÁVIO, 1893, p. 67-8). Notava-se nessas palavras, além da evidente mistura de conceitos, que ignorava as diferenças entre decadentismo e simbolismo, a identificação de Cruz e Sousa com o parnasianismo.

Deve-se observar que o próprio poeta não atuou no sentido de acentuar a novidade de seu livro e suas divergências para com a poesia parnasiana. Em primeiro lugar, não escreveu um prefácio esclarecedor, combativo e polêmico como os que acompanharam *Oaristos* (1890) e *Horas* (1891) e colocaram Eugênio de Castro na liderança dos novos escritores portugueses. A despeito de ser uma “profissão de fé” e, portanto, um poema metalinguístico, a “Antífona” não expunha de forma didática os pressupostos estéticos em que se baseavam os *Broquéis*. Em segundo lugar, Cruz e Sousa escolheu para a sua coletânea um título que ecoava as *Panóplias* das bem sucedidas *Poesias* (1888), do parnasiano Olavo Bilac. Se *panóplia* é armadura ou coleção de armas exposta decorativamente, dá-se o nome de *broquel* a escudo ou brasão heráldico. Além disso, o poeta do Desterro fez de seu livro uma coleção de sonetos, forma privilegiada pelos parnasianos, e foi comedido na incorporação das ousadias formais dos decadentistas-simbolistas como, por exemplo, a modificação da cesura do verso alexandrino e a heterometria.

No já citado ensaio “Retrospecto literário do ano de 1893”, que posteriormente se transformou em livro, Araripe Jr. mencionou, na parte publicada em 28 de abril de 1894, Cruz e Sousa como responsável pela “tentativa de adaptação do decadismo à poesia brasileira” e, na parte de 26 de maio do mesmo ano, como o autor que publicou *Missal* e *Broquéis* “no intuito claro, manifesto, de acompanhar o nefelibatismo português” (ARARIPE JR., 1894a, p. 306). É importante ressaltar que nesse texto decisivo para a fortuna crítica do simbolismo no Brasil empregavam-se como sinônimos perfeitos o termo adotado pelos *novos* de então para designar a sua poesia (decadismo) e o conceito empregado pejorativamente pelos adversários da literatura decadentista-simbolista (nefelibatismo).

CONCLUSÃO

Em *O Tempo*, João Bocó reconheceu João Lopes Filho como “decadista”, notou em sua poesia a fusão de erotismo e religiosidade praticada por Verlaine e pelos decadentistas-simbolistas portugueses como, por exemplo, António de Oliveira Soares e

criticou duramente a desastrosa imitação de Guerra Junqueiro, que resultara na estudada “simplicidade” estilística e nas personagens e temas “rústicos”, comprometendo a originalidade dos *Fantos*. As “Notas de João Bocó” não reconheceram, porém, a assimilação por Lopes Filho da poesia de António Nobre. A presença nos *Fantos* de elementos do *Só*, de Nobre, e dos *Simples*, de Junqueiro, obras publicadas apenas um ano antes (1892), além de *Les fleurs du mal* (1857), de Baudelaire, como demonstra mediante análise minuciosa e convincente Sânzio de Azevedo (1996, p. 161-80), vinha comprovar a independência cultural das províncias brasileiras, que não dependiam de uma suposta liderança do Rio de Janeiro, Capital Federal e sede das principais editoras e empresas jornalísticas brasileiras, para apreciar e beneficiar-se criativamente da literatura europeia mais recente.

O “decadismo” da nova obra poética conquistou a simpatia de um anônimo redator de *O País*, que abominava a banalidade das convenções consagradas e já banalizadas. Embora reconhecesse que as tentativas de renovação podiam resultar em “versos errados”, apoiava a ousadia dos *novos* que procuravam novas soluções rítmicas e sonoras no afã de ajustar a forma à ideia. Apesar de sua postura *vanguardista*, o resenhista não se eximiu de lamentar o déficit de originalidade dos *Fantos*, mas não associou diretamente o problema à imitação dos decadentistas-simbolistas.

Admirador declarado dos parnasianos, Ascânio Magno empenhou-se em *A Semana* na ridicularização dos traços decadentistas-simbolistas que reconheceu na obra do padeiro. Na mesma publicação, Araripe Jr. identificou nos *Fantos* “notas agudas” de procedência estrangeira, mas não as vinculou claramente às novidades europeias de então.

Considerado por todos como um poeta muito jovem e inexperiente, quase um troca-tintas, Lopes Filho não poderia com sua obra de estreante, ainda repleta de hesitações, deficiências e leituras mal digeridas, liderar, a partir de Fortaleza, um movimento de renovação da poesia brasileira à luz das propostas decadentistas-simbolistas. De pouco adiantava o seu relativo pioneirismo e a sua independência diante do “centro” carioca.

Um pouco melhores eram as condições desfrutadas pelo chamado Dante Negro, que já publicara duas obras, *Tropos e fantasias* (1885), em parceria com Virgílio Várzea, e *Missal* (1893), estava estabelecido no meio intelectual carioca havia alguns anos e vinha a público com uma obra esteticamente superior.

Com a publicação de *Broquéis*, os críticos da imprensa não souberam filiar com precisão o poeta a alguma das estéticas então vigentes. Para *O País*, Cruz e Sousa era parnasiano que assimilara elementos decadentistas; para o *Jornal do Comércio*, parnasiano com pequena inclinação pelas novas tendências; para Rodrigo Otávio, parnasiano temperado de simbolismo e decadentismo. O título do livro e a adoção pelo poeta do soneto e do verso decassílabo foram as principais razões para que ainda fosse considerado parnasiano; comprovava-se, com isso, sua não adesão às ousadias formais decadentistas. Por prudência, timidez e até mesmo altivez “nefelibata”, o poeta simbolista abriu mão de demarcar com firmeza no campo literário brasileiro sua posição especial de vanguardista. Essa decisão, porém, não lhe garantiu melhor acolhida entre parnasianos e simpatizantes e possivelmente prejudicou a difusão do simbolismo no Brasil, tornando ambígua a sua posição e embargando a discussão das ideias novas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE. Missal. **O Álbum**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 12, p. 93-4, março de 1893. Número corresponde à terceira edição do mês.

ARARIPE JR. Retrospecto literário do ano de 1893. **A Semana**, Rio de Janeiro, p. 306, 28 abr. 1894a.

ARARIPE JR. Retrospecto literário do ano de 1893. **A Semana**, Rio de Janeiro, p. 338-9, 26 maio 1894b.

ARARIPE JR. Retrospecto literário do ano de 1893. **A Semana**, Rio de Janeiro, p. 372-3, 23 jun. 1894c.

AZEREDO, Magalhães de. Homens e livros. O missal. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 1, 7.-8. col., p. 2, 1.-2. col., 18 set. 1893.

AZEVEDO, Sânzio de. **A padaria espiritual e o simbolismo no Ceará**. 2. ed. Fortaleza: UFC; Casa de José de Alencar, 1996.

BARRETO, L. Musa nefelibata. **O Tempo**, Rio de Janeiro, p. 1, 7. col., 7 ag. 1893.

BIBLIOGRAFIA. **O País**, Rio de Janeiro, p. 2, 6. col., 3 mar. 1893a.

BIBLIOGRAFIA. **O País**, Rio de Janeiro, p. 2, 3. col., 23 ag. 1893b.

BIBLIOGRAFIA. **O País**, Rio de Janeiro, p. 2, 3. col., 30 ag. 1893c.

BOCÓ, João. Notas de João Bocó. **O Tempo**, Rio de Janeiro, p. 1, 8. col., p. 2, 1. col. 18 ag. 1893a.

BOCÓ, João. Notas de João Bocó. **O Tempo**, Rio de Janeiro, p. 1, 8. col., p. 2, 1. col., 31 ag. 1893b.

BROQUÉIS. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 1, 2. col., 17 out. 1893.

CALIBAN. Ideal, ideal! **O País**, Rio de Janeiro, p. 1, 1. col., 2 jul. 1893.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Os simples. A poesia contemporânea – Guerra Junqueiro. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, p. 2., 3.-6. col., 24 jul. 1892.

COELHO NETO. De um livro jocundo. **O País**, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 30 jul. 1893.

COSIMO. Livros novos. **O Álbum**, Rio de Janeiro, v. 38, p. 303, setembro de 1893. Número corresponde à terceira edição do mês.

CRUZ, Sousa e. Na costa d'África. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 3, 3. col., 3 set. 1893.

DIMAS, Antonio. **Tempos eufóricos**: Análise da revista Kosmos: 1904-1909. São Paulo: Ática, 1983.

DUQUE ESTRADA, Osório. Poesia subjetiva. **O País**, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 23 jul. 1893.

E., C. D. Croniqueta. **O País**, Rio de Janeiro, p. 1, 7. col., 4 mar. 1893.

E., C. D. Croniqueta. **O País**, Rio de Janeiro, p. 1, 7. col., 18 mar. 1893.

ELÓI, O HERÓI. Croniqueta. **A Estação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 17, p. 97, 2.-3. col. 15 set. 1893.

FANTOS. **A Capital**, Rio de Janeiro, p. 2, 2. col., 3 jun. 1893.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IMPrensa. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, p. 2, 1. col., 3 mar. 1893a.

IMPrensa. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, p. 1, 7. col., 19 ag. 1893b.

IMPrensa. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, p. 1, 7. col., 31 ag. 1893c.

MAGALHÃES, Valentim. Literatura brasileira. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, p. 1, 5.-7. col., 7 maio 1893.

MAGNO, Ascânio. Poesia e poetas. **A Semana**, Rio de Janeiro, p. 101-2, 28 out. 1893.

MIRANDA, Artur de. Missal. **Revista Ilustrada**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 658, p. 2, 2.-3. col., mar. 1893.

MISSAL. **Revista Ilustrada**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 648, p. 2, 2. col., ag. 1892.

MISSAL. **Revista Ilustrada**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 657, p. 3, 2. col., mar. 1893.

MISSAL. **Revista Ilustrada**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 658, p. 5, mar. 1893. Charge de Cruz e Sousa.

MURICY, Andrade. **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Perspectiva, 1987. 2 v.

N. Bilhetes postais. **O País**, Rio de Janeiro, p. 1, 8. col., 5 mar. 1893.

N. Bilhetes postais. **O País**, Rio de Janeiro, p. 1, 6. col., 17 jul. 1893.

N. Bilhetes postais. **O País**, Rio de Janeiro, p. 1, 6. col., 31 ag. 1893.

N. Bilhetes postais. **O País**, Rio de Janeiro, p. 2, 2. col., 26 out. 1893.

O MOVIMENTO decadente em literatura. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, p. 1, 5.-6. col., 28 dez. 1893.

OTÁVIO, Rodrigo. Broquéis, versos de Cruz e Sousa. **A Semana**, v. 4, n. 9, p. 67, 2.-3. col., p. 68, 1. col., 30 set. 1893.

PASCOAL. Bombons. **O Tempo**, Rio de Janeiro, p. 1, 7. col., 11 mar. 1893.

PASCOAL. Bombons. Prece à chuva (influências de leituras novas). **O Tempo**, Rio de Janeiro, p. 1, 8. col., 27 fev. 1893.

PASCOAL. Bombons. **O Tempo**, Rio de Janeiro, p. 1, 4. col., 14 mar. 1893.

RIBAS, Anselmo. Inauditismo. **O País**, Rio de Janeiro, p. 1, 1. col., 5 mar. 1893.

RICHARD, Noel. **Le mouvement décadent**: Dandys, esthètes et quintessents. Paris: Nizet, 1968.

ROBERTO. Casos e coisas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 1, 8. col., 5 mar. 1893.

S., C. Simbolismo. **Correio da Tarde**, Rio de Janeiro, p. 2, 3. col., 12 out. 1893.

SANTA RITA, J. H. de. Missal (Cruz e Sousa). **A Capital**, Rio de Janeiro, p. 1, 4.-5. col., 27 maio 1893.

SIMÕES JR., Alvaro Santos. O jovem Paulo Barreto e os simbolistas. **Itinerários**, Araraquara, v. 31, p. 161-74, 2010a, 161-174.

Idem. As resenhas de livros simbolistas no vespertino **A Notícia** (1897-1905). In: Idem et al. (org.). **Intelectuais e imprensa**: aspectos de uma complexa relação. São Paulo: Nankin, 2010b. p. 139-56.

SOUSA, Cruz e. **Broquéis**. Ensaio introdutório de Ivan Teixeira. São Paulo: Edusp, 1994.

Idem. **Missal**. Rio de Janeiro: Magalhães & Cia., 1893.

TIN, Vanessa Cristina Monteiro. A crítica teatral no jornal **O País** (1890-1893). In: Encontro Regional da ABRALIC, 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Abralic, 2007. Disponível em: www.abralic.org.br. Acesso em: 4 de abril de 2009.

TOMÉ, S. Pequenos ecos. **Revista Ilustrada**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 661, p. 3, 3. col., p. 6, 1. col., maio 1893.

VITOR, Nestor. Missal. Cruz e Sousa. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 2, 5. col., 26 mar. 1893.